Ferdinando Frega – Nando the Scribe

GENNARO HOT DOG



Gillettenarrative.com

A GILLETTE E GENNARO HOT DOG

GILLETTE TRAILER 18 — NANDO, O ESCRIBA

Ainda um dólar.

Desci do ônibus e comecei a andar em direção ao endereço onde eu deveria morar.

Meu sotaque americano soava errado saindo de uma boca italiana.

Eu suava.

Me sentia sujo.

Manhattan de manhã cedo diz a verdade.

Os caminhões de lixo ainda não tinham passado.

As ruas ainda carregavam o cheiro da noite anterior.

Para a maioria das pessoas, aquele cheiro seria nojento.

Para mim, era cheiro de casa.

Levei 61 anos para chegar lá.

A culpa é da cegonha conveniada com a FedEx, que errou a entrega e me largou no sul da Itália. Destino errado.

Agora meu corpo finalmente alcançava minha mente.

Nova York tinha me esperado em silêncio.

Então eu vi.

Um carrinho de cachorro-quente.

E na mesma hora eu soube: estava em casa.

Cheguei mais perto. O dono era velho. Italiano. De Nápoles. Perfeito.

Ele começou logo a fazer o seu teatro.

“Estou cansado.”

“Estou velho.”

“Não tenho dinheiro.”

“Tenho filho demais.”

“Quero vender este negócio.”

Eu o interrompi. “Quanto pelo carrinho?”

Ele me encarou. “Antes de falar de dinheiro… me diga quem diabos é você.”

Justo. Fomos tomar um café. Depois almoçar. Depois mais conversa. As horas passaram, mas ele não olhou o relógio nem uma vez.

A certa altura, sorri e disse: “Na América sempre dizem que tempo é dinheiro.”

Ele riu. “Não.” Depois olhou bem nos meus olhos. “Depois do tempo… coração é dinheiro.”

Nós dois sorrimos. Mas eu soube na hora que não era piada.

Na manhã seguinte, nos encontramos na prefeitura. Ele chegou com a mulher. Depois a filha. Depois a irmã. Depois a cunhada. Àquela altura, aquilo parecia menos uma transação comercial e mais um casamento em que eu entrava para a família.

Eu ainda não fazia ideia de quanto ele queria pelo carrinho. Tinha separado 35.000 dólares em dinheiro vivo. Torcia para que fosse suficiente.

Tudo assinado. Feito.

Então ele olhou para mim e disse: “Quanto dinheiro você tem?”

Respondi do jeito que gente esperta responde a perguntas perigosas: “Não sei. Não contei. Só me diga quanto eu lhe devo.”

Ele sorriu. “Um dólar.”

Silêncio. Ninguém se mexeu. Ninguém falou.

Então ele disse: “Bem-vindo à América.”

Foi nesse dia que aprendi uma coisa que a maioria das pessoas nunca entende.

Alguns homens vendem negócios. Outros transferem um legado.

No primeiro ano, vendi cada cachorro-quente por um dólar.

Por respeito. Por memória.

Porque alguns homens não podem ser comprados. Só podem ser honrados.

Nando